

Abel Rodríguez

A árvore da vida e da abundância
The Tree of Life and Abundance

Mogaje Guihu

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....p.7

Mapa do espaço expositivo.....p.11

Parede de abertura

Mapa da parede de abertura.....p.12

Árbol natural.....p.12

Mapa da Sala 1.....p.13

Texto de Núcleo: DESENHOS BOTÂNICOS...p.14

Parede A, Sala 1

Mapa da Parede A.....p.15

Estudios de árboles.....p.15

Parede B, Sala 1

Mapa da Parede B.....p.31

Série ***Plantas cultivadas de la gente del centro***.....p.31

Texto de Núcleo: ÁRVORES MITOLÓGICAS...p.33

Parede C, Sala 1

Mapa da Parede C.....p.35

El árbol de la vida y la abundancia.....p.35

El árbol de vida y la abundancia.....p.36

Árbol de la abundancia.....p.37

Parede D, Sala 1

Mapa da Parede D.....p.38

Árbol del agua.....p.38

Árbol de la vida.....p.38

Mapa da Sala 2.....p.39

Texto de Núcleo: CICLOS.....p.40

Parede E, Sala 2

Mapa da Parede E.....p.42

Ecosistema cuenca amazônica I y II.....p.42

Parede F, Sala 2

Mapa da Parede F.....p.44

Yuca.....p.44

Coca.....p.44

Tabaco.....p.44

Ciclo anual del bosque de vega.....p.46

Texto de Núcleo: NATUREZA INTEGRADA....p.47

Parede G, Sala 2

Mapa da Parede G.....p.49

Territorio de la Sabana.....p.49

Figura Territorio Centro.....p.49

Terraza alta V.....p.50

La montaña firme.....p.51

<i>Selva centro con las aves: tres clases</i>	p.51
<i>Terraza baja III</i>	p.51
<i>Sem título</i>	p.52

Parede H, Sala 2

Mapa da Parede H.....	p.53
<i>Lugar de la maloca</i>	p.53
<i>La maloka con sus frutales</i>	p.53
<i>Maloka</i>	p.54

Parede Final

Mapa da Parede Final.....	p.55
<i>Sem título</i>	p.55

ABEL RODRÍGUEZ—MOGAJE GUIHU: A ÁRVORE DA VIDA E DA ABUNDÂNCIA

Abel Rodríguez (1941-2025) nasceu na Amazônia colombiana, como membro das comunidades Nonuya e Muinane. Seu nome indígena, Mogaje Guihu, significa “pena de gavião brilhante”, referência a seu pertencimento ao clã Gavilán. Rodríguez foi instruído desde a infância para ser um *sabedor*, isto é, um depositário de conhecimentos botânicos. Nos anos 1990, fugindo dos conflitos armados que ocorriam em sua região natal, mudou-se para Bogotá, onde, em contato com a fundação holandesa Tropenbos, foi incentivado a desenhar para registrar e compartilhar seus conhecimentos sobre a floresta. A partir daí, sua produção passou a ser gradualmente reconhecida, o que o tornou um dos artistas latino-americanos

mais importantes da atualidade e com ampla participação no cenário de arte internacional.

Os extraordinários desenhos de Rodríguez mostram as interações de diversas espécies botânicas e de animais, os ciclos e a ação do tempo na floresta, além de conterem anotações sobre os usos práticos e simbólicos das plantas. O artista descreve de maneira detalhada as intrincadas formas das folhas, as texturas e os tamanhos das árvores, registrando seu território de origem a partir de suas memórias. A “árvore da vida e da abundância”, que dá título a esta exposição, é outro tema recorrente em sua produção e faz referência ao principal mito de origem dos povos Nonuya e Muinane. Para eles, a primeira árvore criada no mundo é creditada como a matriz da floresta e de todos os seres. Estes, por sua vez, precisam identificar as frutas

que são comestíveis ou não, o que os levará a uma série de disputas até atingirem a harmonia entre humanos e não humanos.

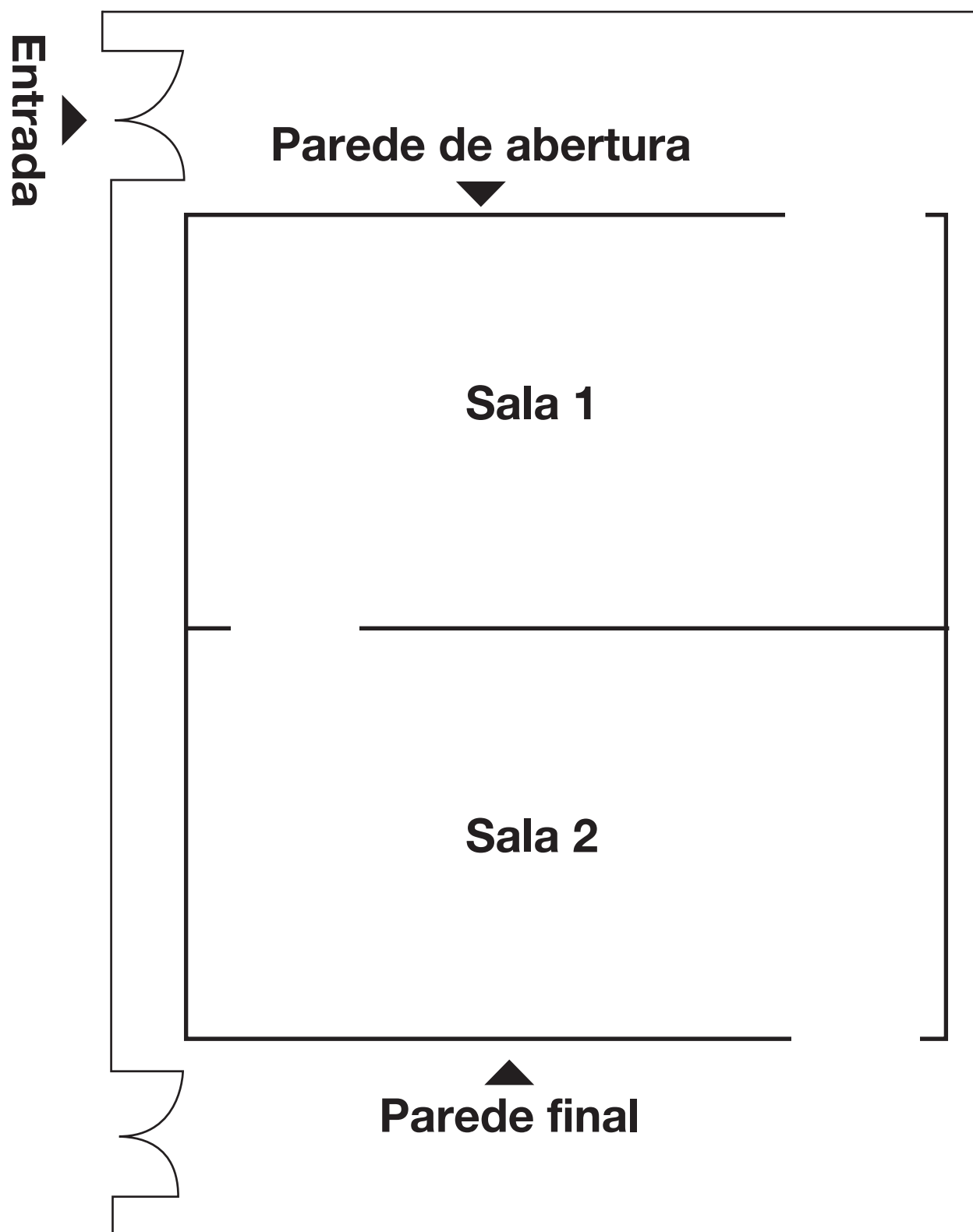
Esta é a primeira exposição individual póstuma de Abel Rodríguez e reúne 65 desenhos, produzidos entre 2006 e 2024. A mostra está organizada em quatro núcleos que lançam luz sobre os aspectos e os temas centrais da prática do artista: árvores mitológicas, desenhos botânicos, ciclos e natureza integrada.

Abel Rodríguez—Mogaje Guihu: A árvore da vida e da abundância é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, e Leandro Muniz, curador assistente, MASP. A exposição integra o ano dedicado às *Histórias da ecologia* no Museu, que inclui monográficas de Clarissa Tossin, Claude Monet, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva

Cuevas, André Taniki Yanomami, do coletivo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), e mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e do projeto Vídeo nas Aldeias, além da coletiva *Histórias da ecologia*.

Desde 2019, o MASP conta com um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos — iniciativas que este ano se somam à programação de *Histórias da ecologia*. O novo edifício Pietro Maria Bardi também incorpora soluções sustentáveis, tendo conquistado a certificação Leadership in Energy and Environmental Design (LEED).

Mapa do espaço expositivo



PAREDE DE ABERTURA

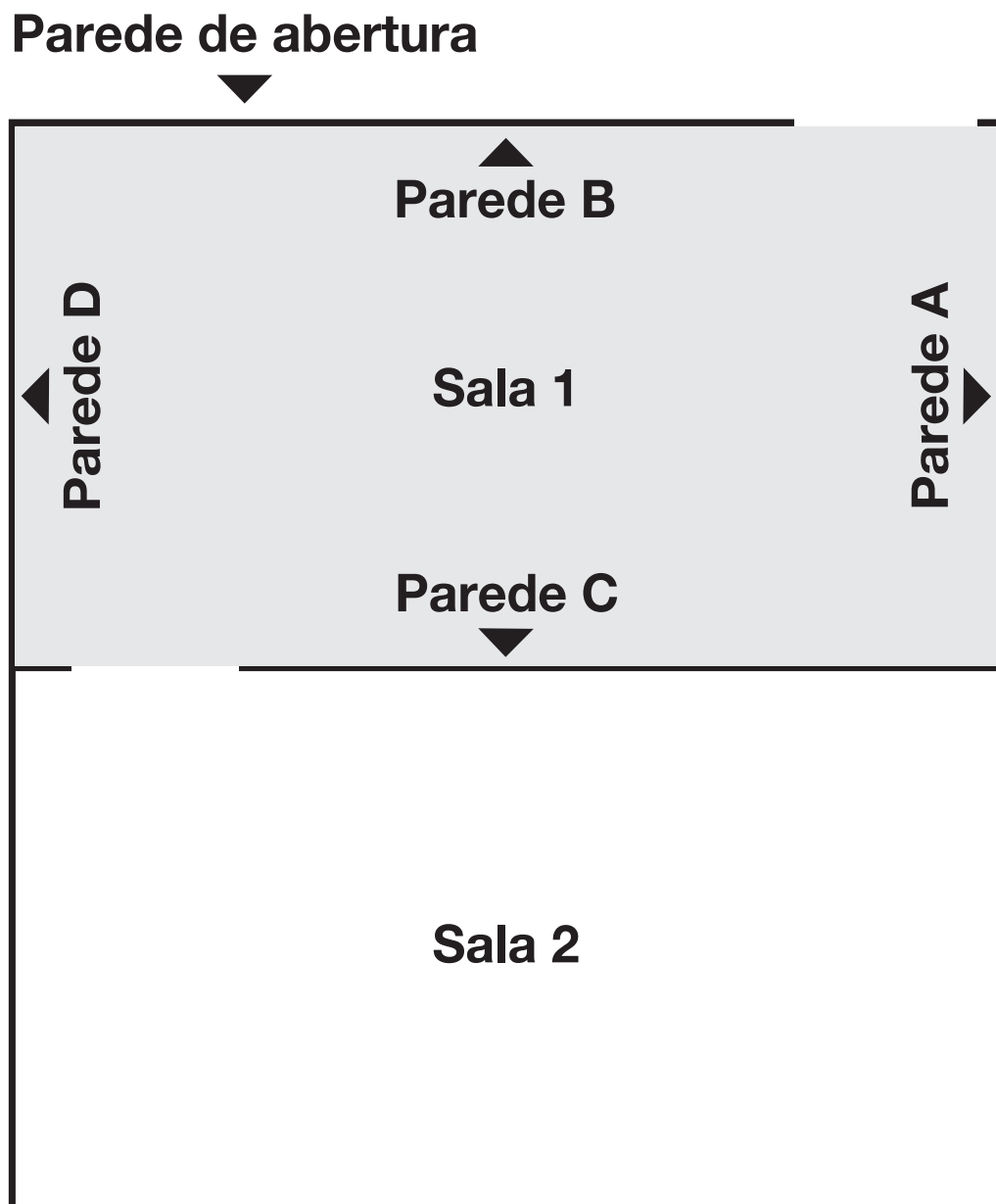


1. *Árbol natural* [Árvore natural], 2018

Acrílica sobre papel

Coleção Oliveros, Medellín, Colômbia

Mapa da Sala 1

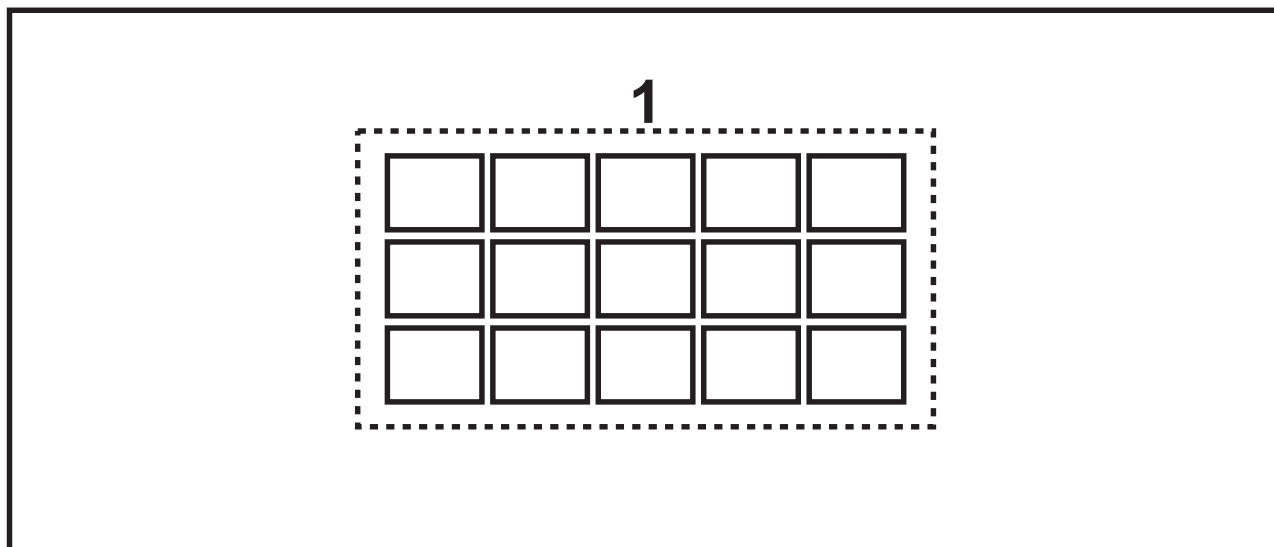


Texto de Núcleo: DESENHOS BOTÂNICOS

Feitos com aquarelas e de menores dimensões, esses desenhos frequentemente incluem textos tanto em Nonuya ou Muinane quanto em espanhol, demonstrando as negociações e fricções culturais vividas por Abel Rodríguez ao longo de sua vida.

A tradição do desenho botânico ocidental, que se disseminou no auge das expansões coloniais a partir do século 18, registram apenas amostras isoladas de plantas ou animais. Diferentemente disso, os desenhos de Rodríguez marcam seus ciclos, sazonalidades, interações, usos práticos e simbólicos, que vão desde o uso para a construção de malocas (as habitações coletivas) ou de cestos, até a cura, a subsistência ou festas.

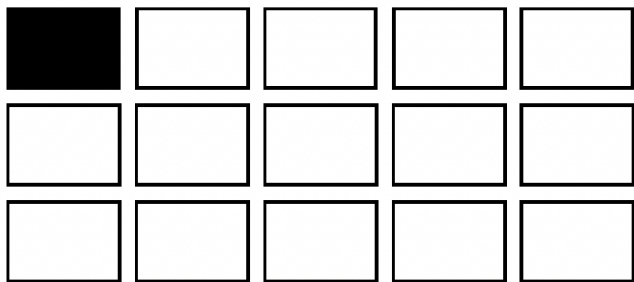
PAREDE A, SALA 1



1. *Estudios de árboles* [Estudos de árvores], 2006

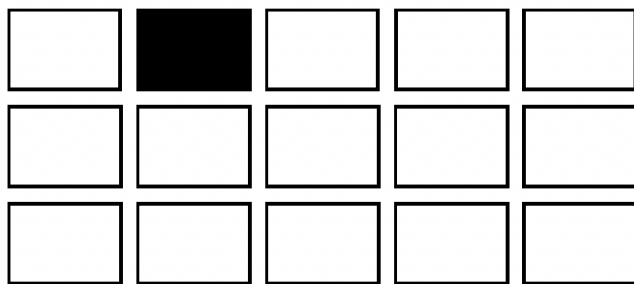
Tinta sobre papel

Coleção Tropenbos Colômbia, Bogotá



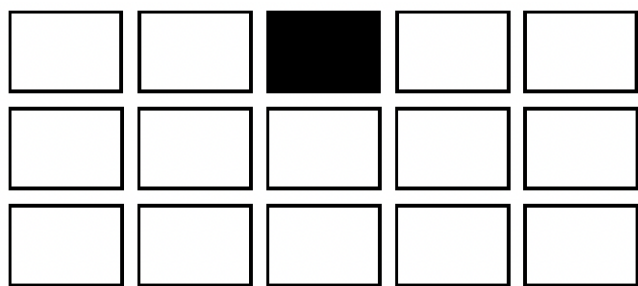
Guiguiva aieyi-/Palo amarillo yema de huevos

1. Cor do pau, meio amarela.
2. Árvore grossa, alta e macia.
3. Com casca grossa e porosa.
4. Folhas largas e arredondadas.
5. Serve para fazer canoas, mas se não estiver quebrada nem oco por dentro; assim o pau também pode ser serrado.
6. Encontra-se em terraza alta e baixa.
7. Floresce ao mesmo tempo que as outras árvores, madura no inverno; é comida pelos picones (pássaros amazônicos) e por outros pássaros.



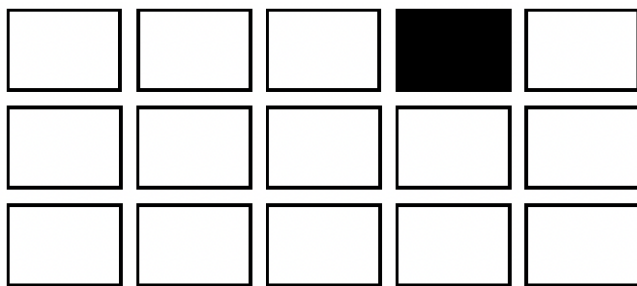
I-i-jomi-o/Palo al olor de hormigas

1. Cor da árvore, escura.
2. Árvore grossa, alta e de madeira dura.
3. Casca grossa e carcomida.
4. Folhas médias e brilhantes (com aparência de vidro).
5. Usada para ripas e canoas.
6. Nasce em terra firme e nas várzeas.
7. Floresce ao mesmo tempo que as outras.
8. Frutifica igual às demais, e os pássaros comem seus frutos



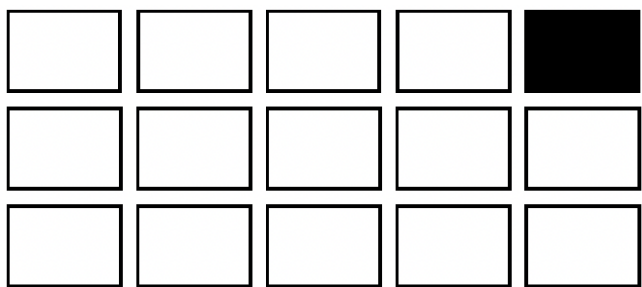
Ki-mi-o/Palo de maguare

1. Tem cor de café.
2. Grossa e alta, parece carcomida.
3. Casca grossa e fibrosa.
4. Folhas médias.
5. Serve de viga para maloca e também para casa de piso e canoa e bote, maguaré (instrumento de percussão) e tábua.
6. Há dois tipos, o próprio e o ordinário.
7. Nasce em terra firme e capotudo.
8. Floresce antes do verão.
9. Amadurece antes do inverno.



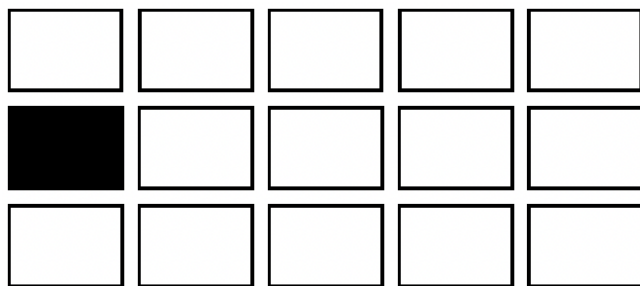
Fateba/Palo de guara

1. Cor do tronco, preta.
2. Alta, grossa, mas não é durável, não tem cerne.
3. Casca grossa, difícil de descascar.
4. Folhas pequenas.
5. Serve como viga para maloca e casa de piso.
6. Usada para fazer canoas de remar e para tábuas serradas.
7. Cresce em terraza alta e baixa, com vegetação densa.
8. Floresce antes do verão e amadurece no inverno; é comida pelos picones (pássaros amazônicos) e por outros pássaros.



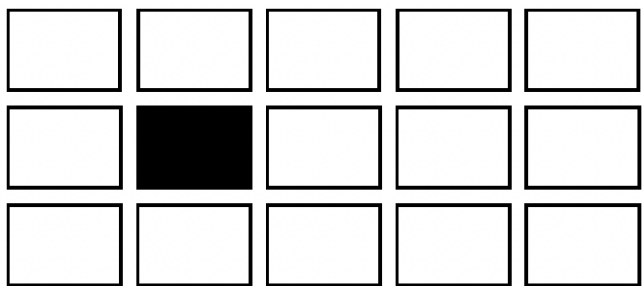
Memerí jeebuho/Palo, cama de ratón, itauva

1. Casca rugosa na parte superior do tronco, mas não totalmente.
2. Árvore alta e grossa, com muitos galhos.
3. Casca grossa, cor de café.
4. Folhas pequenas, com ponta arredondada.
5. Boa para ripas pequenas; os troncos maiores servem para fazer canoas e para serraria.
6. Em terra firme e em terraza baixa com muita folhagem caída.
7. Todas as árvores silvestres florescem antes do verão e amadurecem no inverno; seus frutos são comidos por esquilos e tintins (cutiarias).



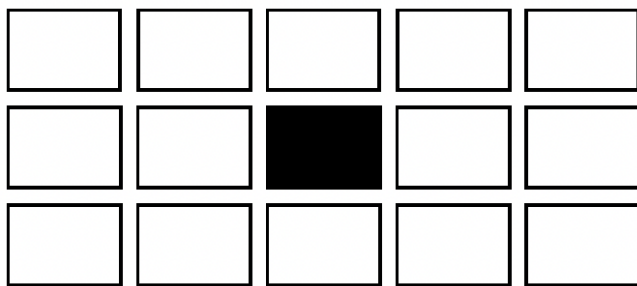
Ni-igo iguyi- ajeyi-/ Pepa vomito picón

1. Cor do pau meio branca.
2. Alta, grossa e bambuda (com raízes protuberantes).
3. Casca grossa e um pouco rugosa.
4. Folhas meio compridas.
5. Serve para travessão de maloca e de casa de piso. O meio pequeno serve para armações no teto da maloca e o menor para armações no teto da casa de piso. O mais grosso serve para serraria.
6. Nasce em terra firme e terraza baixa.
7. Floresce antes do verão.
8. Amadurece no tempo do inverno e todos os animais e aves a comem.



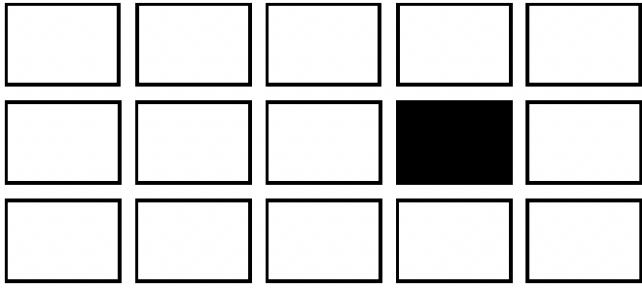
Ganaho/Comino balsudo

1. Cor do pau, meio branca.
2. Árvore grossa e alta.
3. Casca grossa, só se solta quando carcomida.
4. Folhas compridas.
5. Serve para travessões, armações e como madeira para ser serrada.
6. Nasce em terra firme e mato fechado.
7. Floresce antes do verão.
8. Amadurece no começo do inverno.
9. É comida pelos picones (pássaros amazônicos).
10. As folhas caem antes do verão, para poder florescer.



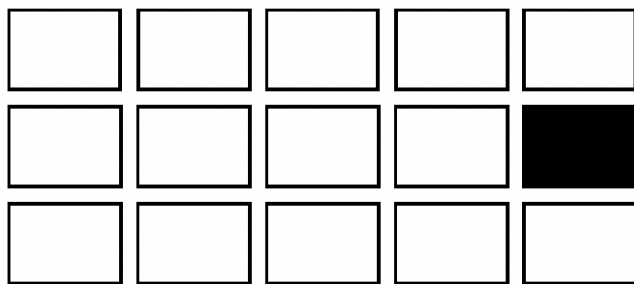
Ni-ni-mi-o/Comino laure

1. Cor do pau, meio branca.
2. A árvore alta e grossa tem bamba (raiz protuberante do tronco em árvores grandes).
3. A casca grossa se descasca sozinha.
4. Folhas compridas.
5. Serve de travessão e armação para canoas pequenas e grandes também.
6. Encontra-se em terra firme e em capotudo.
7. Floresce antes do verão.
8. Amadurece ou a fruta cai antes do inverno.



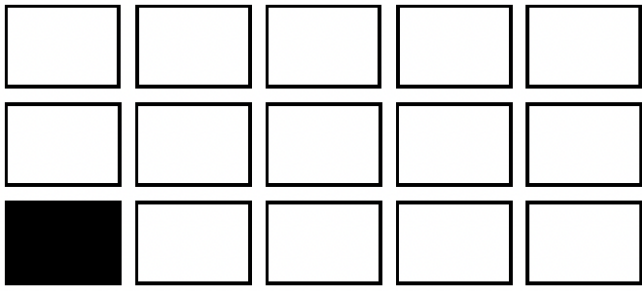
Ji-gaeéne/Arenillo de hojas ancho

1. Cor do tronco esbranquiçada e rugosa.
2. Alta e grossa.
3. De casca meio grossa, fácil de tirar.
4. Folhas grandinhas, parecidas com as folhas de cajueiro.
5. Os galhos mais finos servem para armação, os mais grossos servem para serraria.
6. Floresce em qualquer momento.



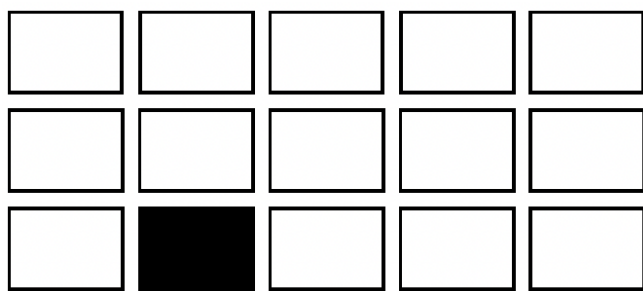
Noobaho Ajei-/Achote de pepa rasquiñoso

1. Cor do tronco meio branca com tons avermelhados.
2. Grande e alta, com bamba (raiz protuberante em árvores grandes).
3. Casca de espessura média.
4. Folhas pequenas.
5. Serve como viga para a maloca. As mais finas servem como vigas para casas de piso; os galhos são usados em malocas e casas de piso. Também é usada para fazer canoas e madeira serrada.
6. Vive em áreas montanhosas, tanto altas quanto baixas, na folhagem caída.
7. Floresce antes do verão e amadurece no inverno, sendo comida por todos os pássaros.



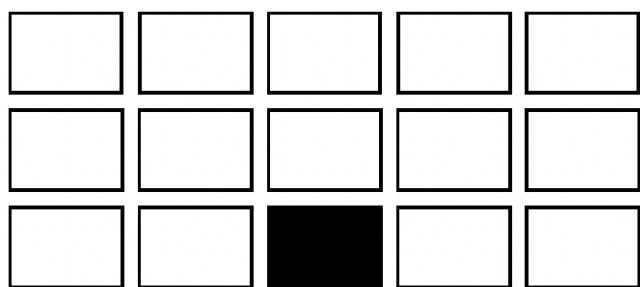
Fafayi-/Nogai

1. Alta e grande.
2. Cor meio branca e rugosa.
3. Casca grossa, descasca-se fácil.
4. Folhas bem pequenas, copa densa.
5. Serve apenas para ser serrada.
6. Tem uma seiva clara que fica azul.
7. Encontra-se em terras altas e baixas.
8. Floresce ao mesmo tempo que as outras árvores, amadurece no inverno, e não se sabe que animais a comem.



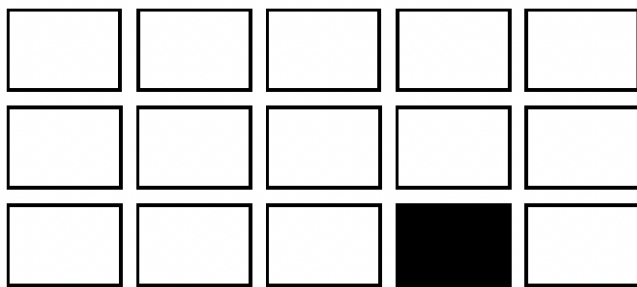
Iga/Igado de espanto

1. A cor do pau, escura, a do tronco também.
 2. Alta e fino.
- Casca meio grossa, difícil de tirar.
3. Folhas compridas, como vidro, quebram fácil.
 4. Serve somente para fazer ripas da maloca ou da casa de piso, não tem outro uso.
 5. Cresce em solo firme e entre as folhas do chão da floresta.
 6. Floresce junto com as outras árvores.
 7. Amadurece no inverno, é comida pelos picones (pássaros amazônicos) e por todos os pássaros.



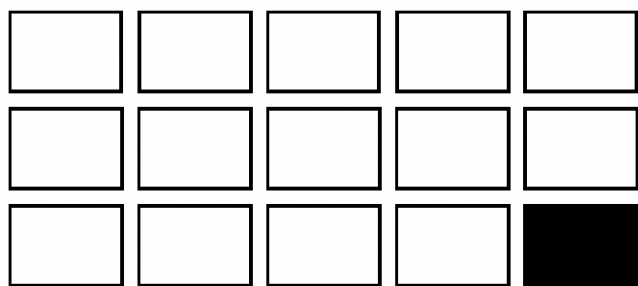
Tujaraho/Aguacatillo

1. Cor avermelhada no topo do tronco.
2. Alta e grossa, descasca só na parte de cima.
3. Casca grossa, não dá para descascar.
4. Folhas de tamanho médio.
5. Resina vermelha como uma joia.
6. Serve para fazer botes e canoas pequenos e para madeira serrada.
7. Floresce antes do verão.
8. Frutas caem no inverno, comidas por animais de caça.
9. Vive em terra firme, cresce em grupos.



Dóoboho/Achapo

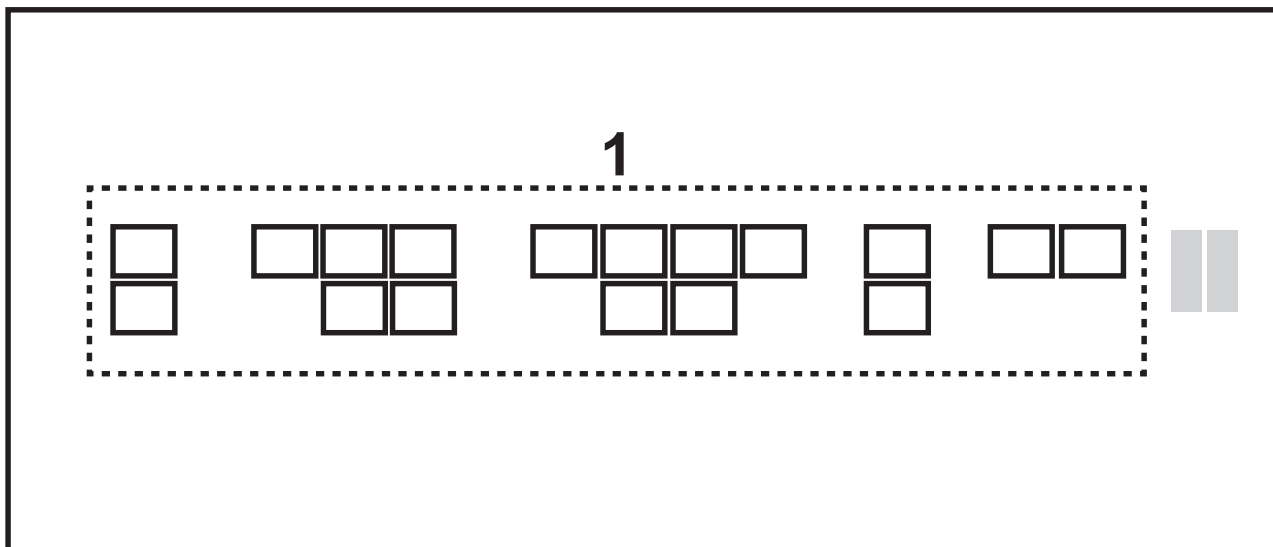
1. Cor do tronco, café.
2. Altas e bem grandes.
3. Casca grossa e rugosa, solta-se quando seca.
4. Folhas médias, pequenas e em grande quantidade.
5. Tem seiva clara, meio pegajosa.
6. Da árvore maior se fazem botes e canoas, também serve para madeira serrada.
7. Nasce em terraza alta e terraza baixa.
8. Floresce antes do verão, frutifica no inverno, e ninguém sabe quem come essa fruta.



Nomogaañooho/Acapu

1. Esta árvore tem cor de café.
2. Alta, grossa e de madeira dura.
3. A casca é de espessura média e levemente rugosa.
4. Folhas grandes e pequenas, há duas variedades.
5. Serve para fazer ripas de casas e de malocas.
6. Cresce em terrazas altas e baixas.
7. Floresce antes do verão, às vezes junto com as outras.
8. Amadurece no inverno.
9. A que floresce no inverno amadurece no fim do verão, quando aparece a lagarta.
10. As folhas são comidas por lagartas.

PAREDE B, SALA 1



1. Série ***Plantas cultivadas de la gente del centro*** [Plantas cultivadas da gente do centro], 2013

Tinta sobre papel

Coleção Tropenbos Colômbia, Bogotá

“Gente do centro” é a autodenominação dos povos Murui, Uitoto, Ocaina, Nonuya, Bora, Miranha, Muinane e Andoque, que habitam a região entre os rios Cahuinarí, Caquetá e

Putumayo, no sudeste da Colômbia e parte da Amazônia peruana. Abel Rodríguez produziu uma série de desenhos que registram as plantas cultivadas por esses povos e que foram compilados em uma publicação organizada pela Tropenbos, a fundação que incentivou o início de sua prática de desenho. Essas obras incluem a representação das plantas adultas, sua sazonalidade, territórios, formas de reprodução, os animais que se alimentam delas, bem como seus usos práticos e simbólicos.

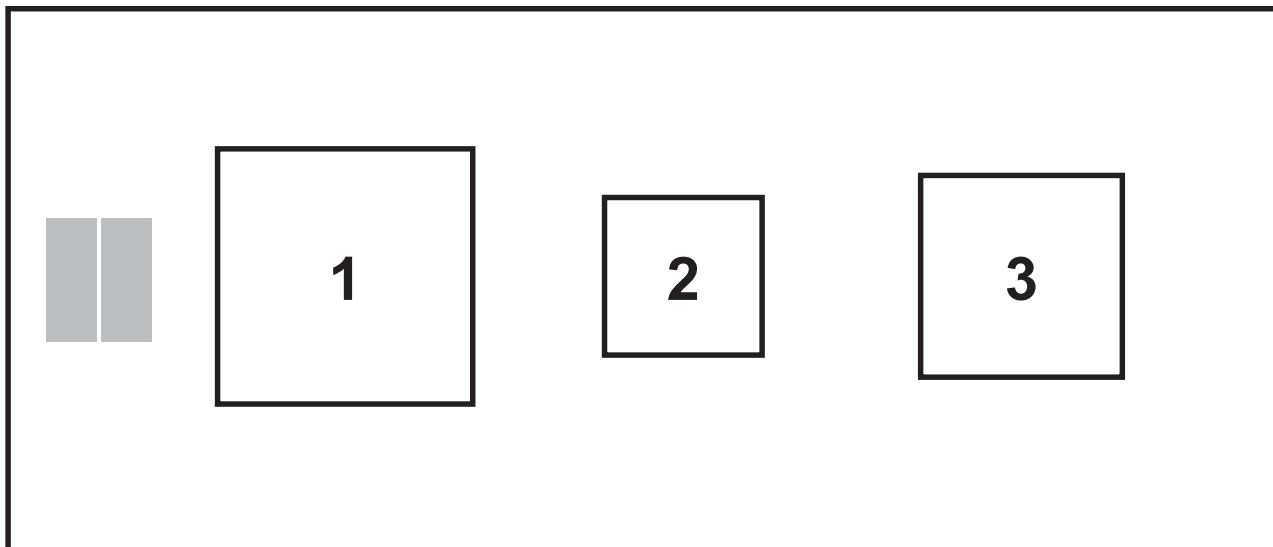
Texto de Núcleo: ÁRVORES MITOLÓGICAS

A maior parte dos desenhos de Rodríguez são feitos de memória com o objetivo de recriar em imagens os territórios onde viveu, mas há um conjunto que se refere às árvores ligadas aos mitos Nonuya-Muinane, povos para os quais toda planta é sagrada. Esses mitos são sobre a criação do mundo e também problemas cotidianos, como moralidade e afetos. Por se tratar de povos de tradições orais, a visualidade dada a essas histórias é inventada pelo artista, então acessamos apenas parcialmente essas narrativas.

As árvores da vida e da abundância dizem da primeira árvore que dá origem à Amazônia e como animais e humanos foram testando e disputando seus frutos até encontrarem a harmonia social. A árvore da vida é um elemento recorrente tanto

em cosmologias indígenas quanto no pensamento científico de Charles Darwin (1809-1882), o que leva a pensar nos paralelos entre essas formas de conhecimento. As árvores da água narram a origem dos rios na Amazônia, formados a partir da derrubada da árvore da vida, que deixou um grande buraco no chão, lentamente preenchido com água. Outros mitos dizem respeito à compreensão de que todos os seres vivos, humanos e não humanos, são gente.

PAREDE C, SALA 1



1. *El árbol de la vida y la abundancia* [A árvore da vida e da abundância], 2022

Guache, tinta de caneta hidrográfica, grafite sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação de Fernanda Feitosa e Heitor Martins no contexto da Biennale di Venezia, 2024-25

A “árvore da vida e da abundância” é um tema recorrente na produção de Abel Rodríguez. Esse é o mito de origem dos povos Nonuya e Muinane e narra a história da primeira árvore criada no mundo, creditada como a matriz da floresta e de todos os seres. Estes, por sua vez, precisam identificar as frutas que são comestíveis ou não, o que os levará a uma série de disputas e conflitos até que se tenha a harmonia entre humanos e não humanos. Esse frágil equilíbrio será desfeito pela ganância da humanidade, que derrubará a árvore com o machado apresentado no centro do desenho.

2. *El árbol de vida y la abundancia* [A árvore da vida e da abundância], 2016

Tinta e grafite sobre papel

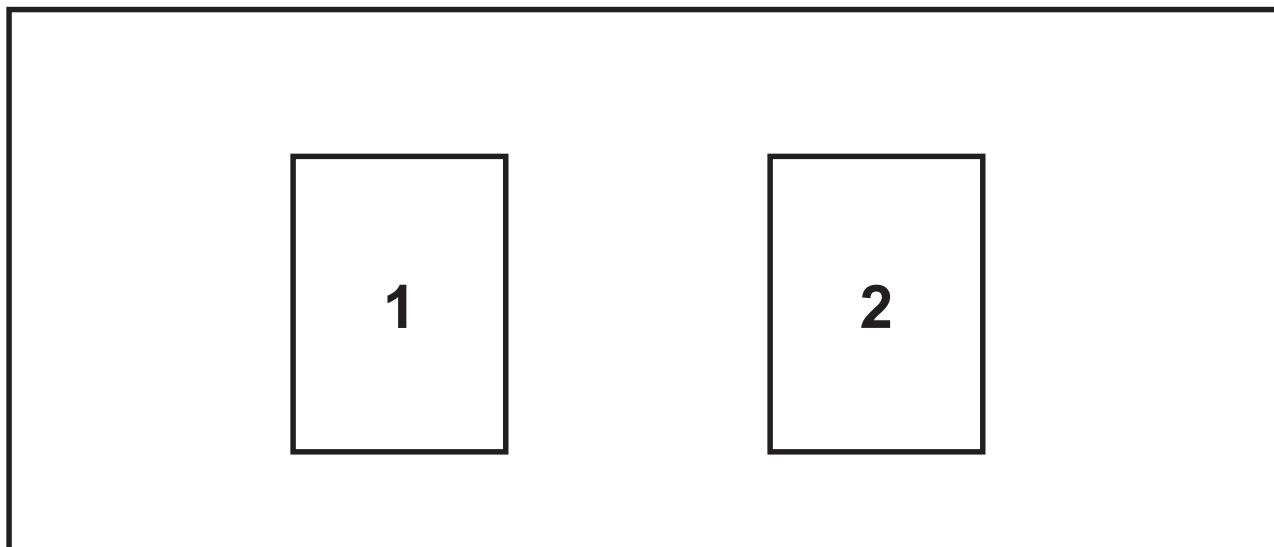
Coleção Eduardo F. Costantini, Buenos Aires

3. *Árbol de la abundancia* [Árvore da abundância], 2012

Tinta sobre papel

Museo Nacional de Colômbia, Bogotá

PAREDE D, SALA 1



1. *Árbol del agua* [Árvore da água], 2014

Nanquim sobre papel

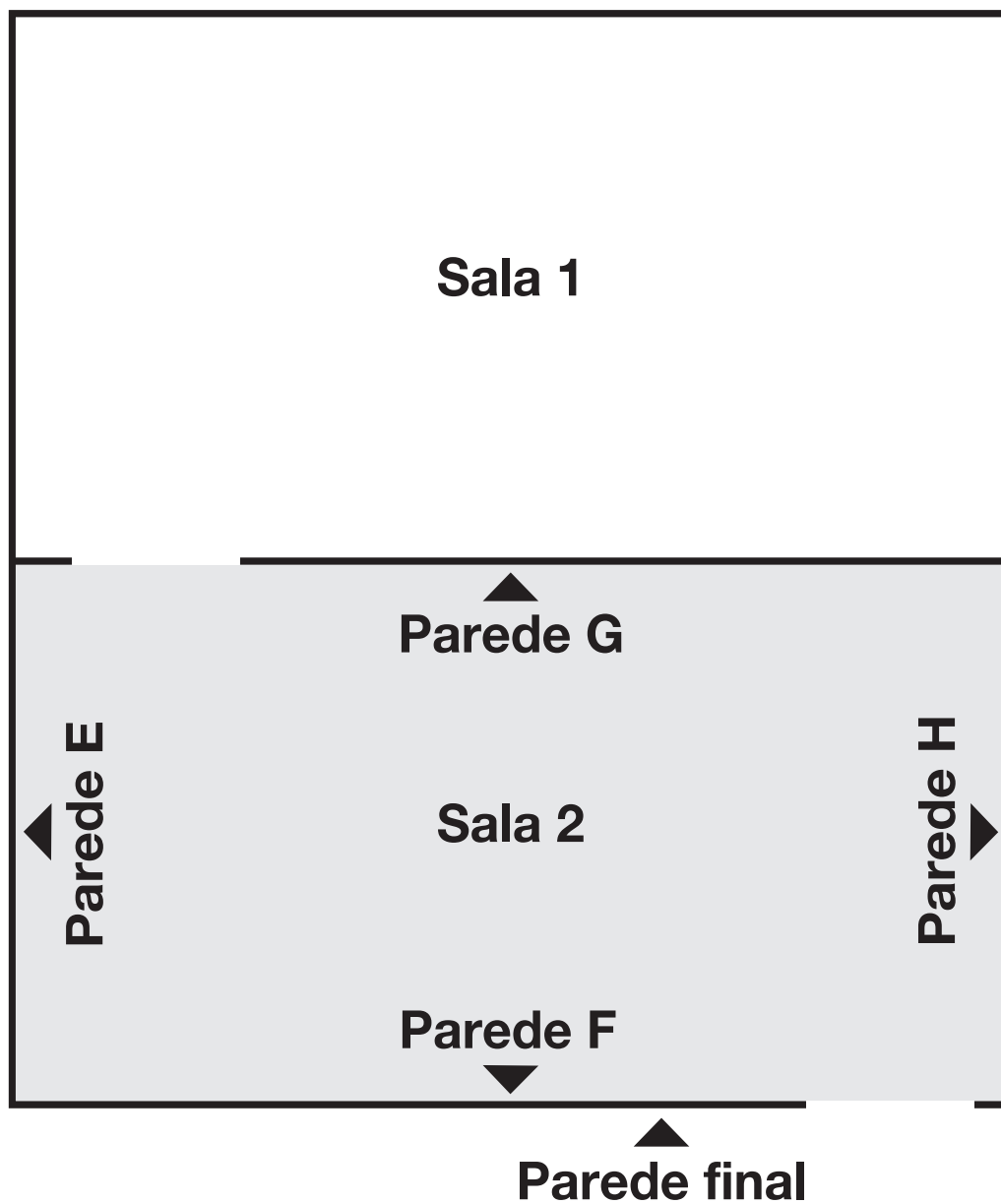
Museo de Arte de la Universidad Nacional de
Colômbia, Bogotá

2. *Árbol de la vida* [Árvore da vida], 2014

Nanquim sobre papel

Museo de Arte de la Universidad Nacional de
Colômbia, Bogotá

Mapa da Sala 2



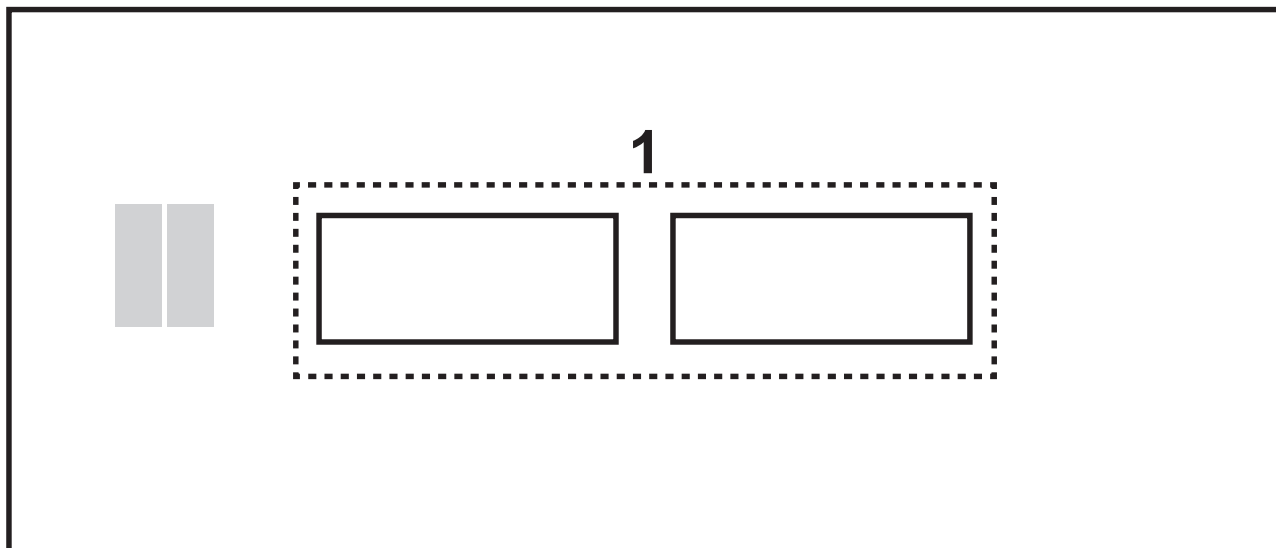
Texto de Núcleo: CICLOS

Alguns desenhos de Abel Rodríguez são desenvolvidos como séries. Eles mostram as variações das estações do ano na floresta, o movimento de cheia e vazão dos rios, os processos de criação e plantação das *chagras* – um sistema de plantação rotativo de agricultura familiar –, assim como os processos de construção das malocas –as habitações coletivas.

Nesses desenhos, o tempo é compreendido como parte determinante dos processos de desenvolvimento das plantas. O conhecimento de quando os rios alagam a floresta e quando vazam implica um ecossistema que se transforma periodicamente, em uma complexa e frágil dinâmica de interações e interdependências.

No caso dos espaços e plantações construídos por humanos, como as malocas e plantações, a incorporação de um pensamento cíclico fomenta práticas respeitadas em relação à floresta. As comunidades indígenas fomentam policulturas e culturas rotativas que não esgotam os recursos naturais, pelo contrário, podem tornar o solo e as espécies presentes ali ainda mais ricos que inicialmente.

PAREDE E, SALA 2



1. *Ecosistema cuenca amazónica I y II*

[Ecosystema da Bacia Amazônica I e II], 2014

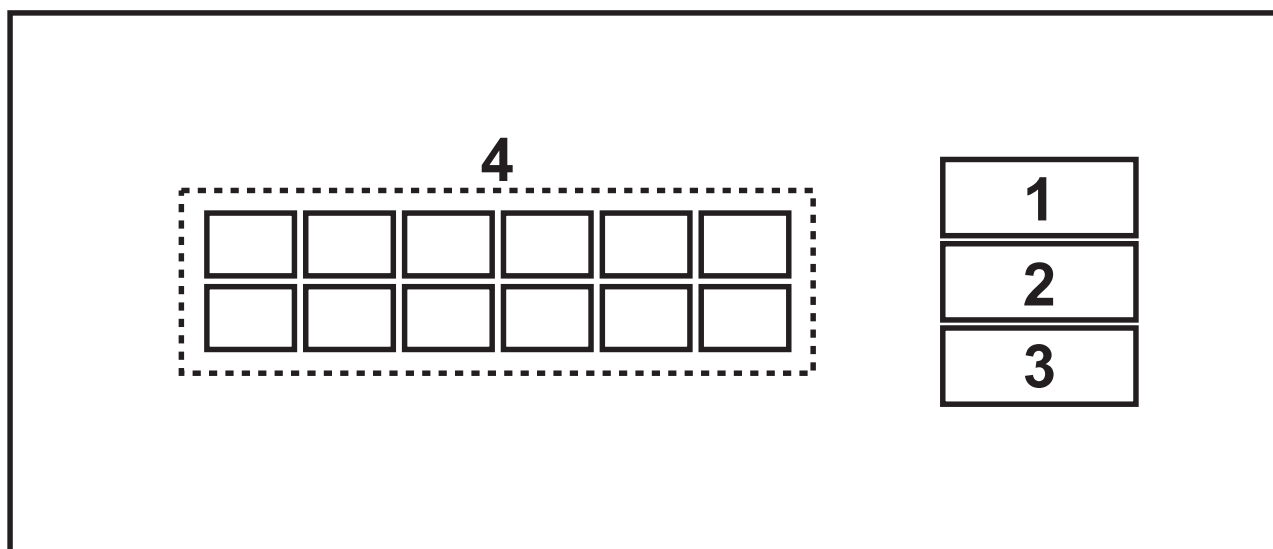
Nanquim sobre papel

Museo de Arte de la Universidad Nacional de
Colombia, Bogotá

A Bacia Amazônica é a parcela do continente sul-americano drenada pelo rio Amazonas. Sua extensão se concentra majoritariamente no território do Brasil, mas a correnteza também passa por outros seis países, incluindo a região

sul da Colômbia. A bacia se forma a partir do contato com o rio Putumayo, que delimita uma das fronteiras do “centro”, que é como os povos Nonuya e Muinane chamam essa região. Ao desenhar a porção colombiana da bacia, Abel Rodríguez enfatiza a biodiversidade da floresta tropical. Em *Ecosistema cuenca Amazónica I e II* notam-se, respectivamente, os momentos de cheia e de vazante do rio.

PAREDE F, SALA 2



1. ***Yuca*** [Mandioca], 2014

2. ***Coca***, 2014

3. ***Tabaco***, 2014

Nanquim sobre papel

Museo de Arte de la Universidad Nacional de
Colombia, Bogotá

As *chagras* são um sistema de plantação rotativo no qual se derruba uma parte da floresta, queima-se esse material para produzir adubo e alterna-se o plantio de espécies, que torna o solo até mais fértil do que anteriormente. Dessa forma, os povos Nonuya e Muinane alternam o plantio de coca, tabaco e mandioca. As folhas de coca podem ser mascadas, infusionadas ou desidratadas e transformadas em pó (*mambe*). Além de seus usos para subsistência, a mandioca adquire funções simbólicas. O tabaco é cozido e transformado em uma pasta (*ambil*). Nesse sentido, estes três desenhos funcionam como uma espécie de calendário que mostra uma das formas de organização do tempo daquelas comunidades.

4. *Ciclo anual del bosque de vega* [Ciclo anual da floresta de várzea], 2016

Tinta sobre papel

Coleção Banco da República, Colômbia

Texto de Núcleo: NATUREZA INTEGRADA

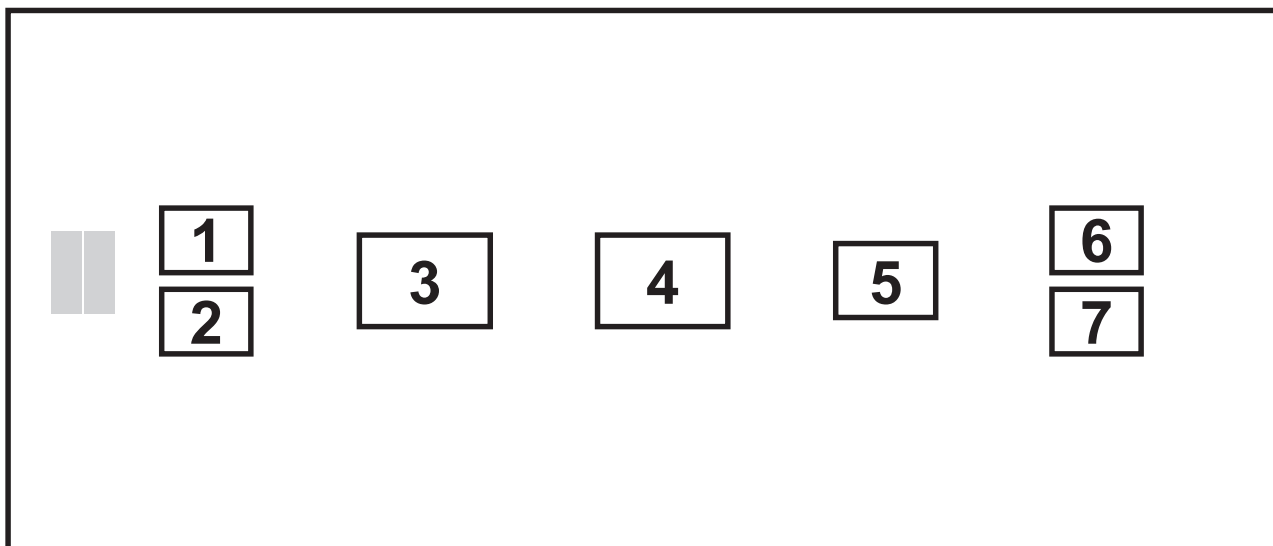
Em alguns desenhos de Rodríguez há um caráter analítico, enfatizando aspectos específicos da floresta, como seus ciclos, os usos das plantas ou aspectos mitológicos que as comunidades indígenas usam para interpretar sua história.

Em outros, a superfície é densamente povoada de plantas e animais que se sobrepõem, demonstrando o funcionamento de certos territórios, como as terras baixas e altas, as que alagam e as que não.

Cada árvore é detalhadamente descrita junto aos animais que se alimentam dela, qual parte da floresta ocupam e como, em conjunto, formam um sistema próprio no qual cada elemento afeta e é afetado pelo outro mutuamente, em uma rede integrada de relações e interdependências.

As malocas, os pomares ao redor da construção e seus espaços são descritos em detalhe, em uma não separação entre humano e natureza. Do mesmo modo, o território habitado pelos Nonuya-Muinane –chamado de Sabana ou centro– é frequentemente descrito, demonstrando a centralidade dos rios para o funcionamento dos ecossistemas e das sociedades locais.

PAREDE G, SALA 2



1. *Territorio de la Sabana* [Território da Sabana], 2018

Acrílica sobre papel

Coleção Hernández Gómez, Bogotá

2. *Figura Territorio Centro* [Figura Território Centro], 2024

Tinta e grafite sobre papel

Coleção Eduardo F. Costantini, Buenos Aires

A *Sabana* é o território entre os rios Cahuinarí, Igara-Paraná e Caquetá, localizados no sul da Colômbia. É habitada pelos povos Muinane, Bora e Murui e, na verdade, trata-se de uma floresta tropical. Abel Rodríguez nasceu às margens do Cahuinarí e descrições desse território do ponto de vista aéreo, sugerindo uma relação cartográfica, são frequentes em sua prática, o que demonstra sua compreensão sobre o terreno da floresta. Esse conhecimento sobre o espaço também mostra uma relação integrada das comunidades indígenas com a Amazônia, na medida em que essa relação com o espaço é fundamental para sua sobrevivência.

3. *Terraza alta V*, 2017

Acrílica sobre papel

Coleção Suárez Escobar, Bogotá

4. *La montaña firme* [A montanha firme], 2018

Acrílica sobre papel

Coleção L. Jaramillo, Medellín, Colômbia

5. *Selva centro con las aves: tres clases*

[Floresta centro com as aves: três tipos], 2022

Tinta sobre papel

Coleção Leo Katz, Bogotá

6. *Terraza baja III* [Terraza baixa III], 2020

Tinta sobre papel

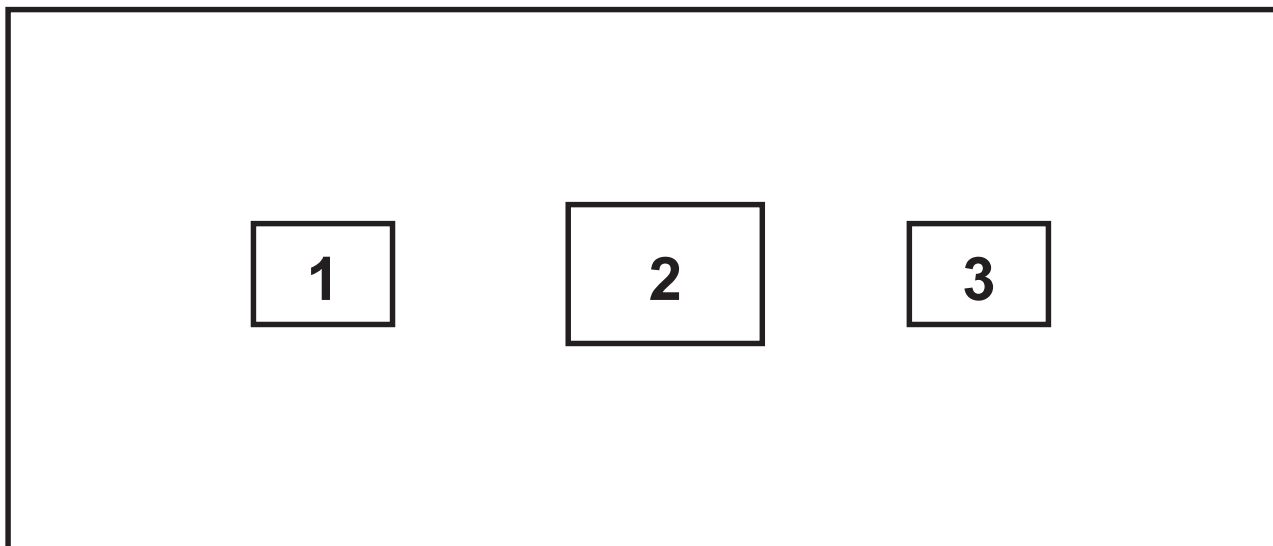
Coleção particular, Bogotá

7. *Sem título*, 2025

Tinta sobre papel

Coleção particular, Bogotá

PAREDE H, SALA 2



1. *Lugar de la maloca* [Lugar da maloca], 2014

Tinta e grafite sobre papel

Coleção de Eduardo F. Costantini, Buenos Aires

2. *La maloka con sus frutales* [A maloca com suas frutíferas], 2023

Nanquim e acrílica sobre papel

Coleção Paulo Vieira, Rio de Janeiro

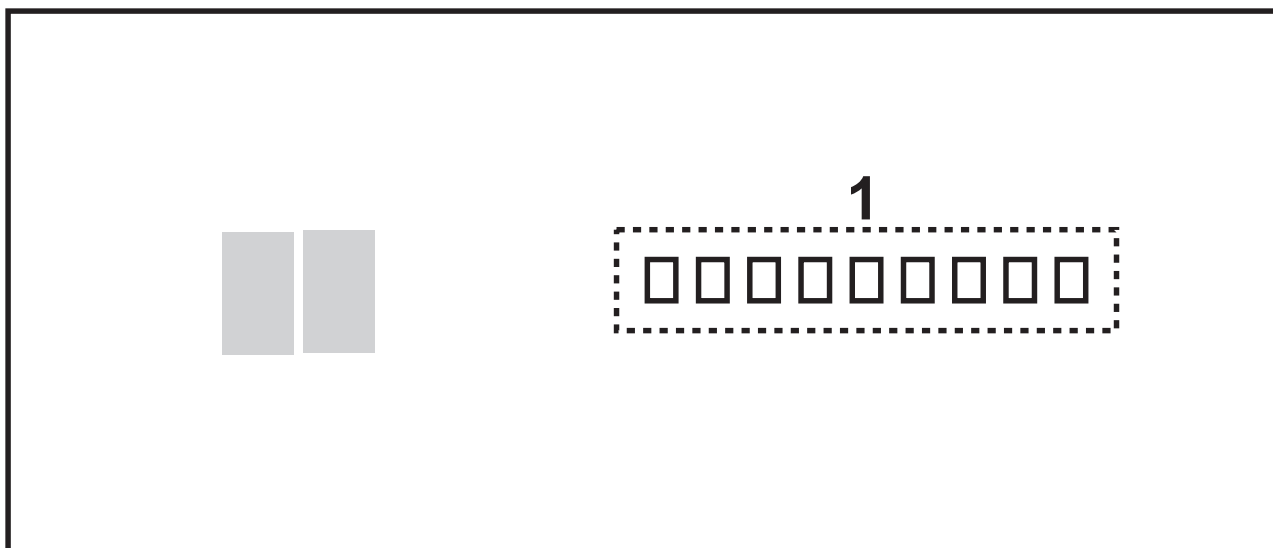
3. *Maloka* [Maloca], 2024

Tinta sobre papel

Coleção Omayra Alvarado e Dane Jensen

A maloca é uma cabana comunitária feita de madeira e palha, usada por povos indígenas da Amazônia, especialmente na Colômbia e no Brasil. Frequentada sobretudo por membros de uma mesma família, ela é administrada pelo *sabedor* (guardião dos conhecimentos ancestrais) mais respeitado da comunidade. Pessoas próximas, mesmo sem relações de parentesco, também podem viver ou permanecer ali temporariamente para aprender sobre saberes tradicionais, participar de rituais ou em momentos de convivência. A escolha do local para sua construção considera os cultivos da região, de modo que o entorno de cada maloca também apresente ciclos de plantação e colheita próprios.

PAREDE FINAL



1. *Sem título*, 2024

Tinta sobre papel

Coleção particular, Bogotá

“Você tem que fazer a Árvore da Vida” — assim disse nosso avô.

Então tenho que esperar, porque a vida... como é isso?

Essa Árvore da Vida... não sei de que vida é. Eu nunca a vi nem a tive. Nem em sonho a vi.

Então, como vou fazê-la?

Então eu peguei... tive que inventar.

Para que ela tenha tudo... todos os conhecimentos, todo o pensamento, todo o poder do homem.

A árvore é fruto comestível, tronco, folha, galho, tudo que o criador da Terra, nosso pai e nosso avô...

Ele era o início e o fim. Ele era ar, ele era água, ele era fogo, ele era raio, relâmpago... tudo o que existe.

É uma árvore que nasce verde e morre seca.

E essa árvore, pois, ficou dessa maneira. Como a pintei: assim.

Abel Rodríguez, 2021